



A SANTÍSSIMA VIRGEM MARIA

TIM PERRY
DANIEL KENDALL, SJ

A SANTÍSSIMA
VIRGEM MARIA

A SANTÍSSIMA VIRGEM MARIA

TIM PERRY
DANIEL KENDALL, SJ

TRADUÇÃO
BARBARA THEOTO LAMBERT



Título original:

The Blessed Virgin Mary

© 2013 Tim Perry and Daniel Kendall

Published by Wm. B. Eerdmans Publishing Company

2140 Oak Industrial Dr. NE, Grand Rapids, MI 49505, USA

ISBN 978-0-8028-2733-3

Preparação: Sandra G. Custódio

Capa: Walter Nabas

Madonna col Bambino, retábulo de madeira mantido no Palazzo Medici Reccardi, em Florença, de Filippo Lippi. Fonte: AA.VV., *Palazzo Medici Reccardi e la Cappella Benozzo Gozzoli*, Biblioteca de "Lo Studiolo", Becocci/Scala, Firenze 2000.

<[http://commons.wikimedia.org/wiki/](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Madonna_col_bambino,-palazzo_medici_reccardi_filippo_lippi.jpg)

[File:Madonna_col_bambino,-palazzo_medici_reccardi_filippo_lippi.jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Madonna_col_bambino,-palazzo_medici_reccardi_filippo_lippi.jpg)>

Diagramação: So Wai Tam

Revisão: Vero Verbo Serviços Editoriais

Edições Loyola Jesuítas

Rua 1822, 341 – Ipiranga

04216-000 São Paulo, SP

T 55 11 3385 8500

F 55 11 2063 4275

editorial@loyola.com.br

vendas@loyola.com.br

www.loyola.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

ISBN 978-85-15-04236-4

© EDIÇÕES LOYOLA, São Paulo, Brasil, 2015

Sumário

Abreviaturas, 7

Introdução a Maria, 9

I. O desenvolvimento histórico da doutrina e devoção marianas

1. Os Padres da Igreja, 29

2. A era medieval e a Reforma, 59

3. Contribuições modernas, 71

4. Observações finais, 115

II. Bibliografia comentada

5. Bibliografia de obras a respeito de Maria, 131

Índice de nomes e assuntos, 143

Índice de referências bíblicas, 147

Abreviaturas

- ACW Ancient Christian writers; The Works of the Fathers in Translation, Mahwah, NJ, Paulist, 1946-.
- ANF A. ROBERTS, J. DONALDSON (eds.), *Ante-Nicene Fathers*, Buffalo, NY, Christian Literature, 1885-1896, 10 v.; reimpressão, Grand Rapids, Eerdmans, 1951-1956; reimpressão, Peabody, MA, Hendrickson, 1994.
- CD Karl BARTH, *Church Dogmatics*, Geoffrey W. BROMILEY, T. F. TORRANCE (eds.), Edinburgh, T & T Clark, 1956-1975.
- FC R. J. DEFERRARI (ed.), *Fathers of the Church. A New Translation*, Washington, DC, Catholic University of America Press, 1947-.
- LCC J. BAILLIE et al. (eds.), *The Library of Christian Classics*, Philadelphia, Westminster, 1953-1966, 26 v.
- LW Martinho LUTERO, *Luther's Works*, edição americana, Jaroslav Pelikan — Helmut Lehman, Philadelphia, Fortress; St. Louis, Concordia, 1955-1986, 55 v.
- NPNF P. SCHAFF et al. (eds.), *A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*, Buffalo, NY, Christian Literature, 1887-1894, series 1 e 2, 14 v. cada; reimpressão, Edinburgh, T & T Clark; Grand Rapids, Eerdmans, 1952-1956; reimpressão, Peabody, MA, Hendrickson, 1994.
- PG J.-P. MIGNE (ed.), *Patrologiae cursus completus, series graeca*, Paris, 1857-1886, 162 v.
- PL J.-P. MIGNE (ed.), *Patrologiae cursus completus, series latina*, Paris, 1844-1864, 217 v.

Introdução a Maria

1. Breve introdução a Maria

Por que se preocupar com Maria? À primeira vista, essa pergunta parece simples. Maria ocupa relativamente pouco espaço nas páginas da Sagrada Escritura, recebe atenção passageira nos credos, personifica divergências profundas e persistentes a respeito de doutrina e devoção marianas através de Igrejas Orientais e Ocidentais, Protestantes e Católicas. Talvez seja mais prudente deixar Maria em paz para focalizar questões maiores, nas quais a possibilidade de consenso ecumênico é maior. Entretanto, refletindo melhor, os assuntos que a pergunta revela são um bocado complicados e, portanto, precisam de mais investigação.

As complicações resultam do público complexo que este livro tem em mira. Os dois públicos podem ter problemas com a pergunta. E talvez esse seja o melhor lugar para começar. Por um lado, esperamos que as pessoas que lerem este livro sejam estudantes de teologia — quer clérigos, quer leigos — de formação protestante e, principalmente, de formação protestante evangélica. Para o primeiro grupo, a pergunta deve ser dirigida aos cristãos com doutrinas e devoções marianas que parecem diminuir a devoção a Jesus. Há um sentido no qual é perfeitamente natural assumir essa posição. Afinal de contas, a desconfiança de todas as coisas marianas é parte essencial da tradição protestante desde a segunda geração da Reforma e, em especial, entre os cristãos cujas raízes se estendem até a metade reformada do movimento magisterial. É com certeza a maneira como eu (Tim)

entendia a pergunta antes de 2001, quando comecei a ter interesse pessoal e acadêmico em Maria¹. Conforme meu trabalho progredia nos últimos sete anos aproximadamente, a pergunta continuava a existir, mas passei a entendê-la de modo diferente. Vejo-a sendo me apresentada por grupos de estudantes, clérigos e leigos, fascinados por aspectos da devoção cristã bastante estranhos para eles e não me sinto muito seguro quanto ao que fazer com ela. Espero que, como resultado deste livro, o primeiro grupo de leitores chegue à mesma conclusão — reconheçam que a pergunta não precisa tanto ser feita por nós, mas ser feita a nós. Espero mostrar a meus companheiros de viagem protestantes que precisamos ser — e, na verdade estamos ficando — mais conscientes do papel que Maria desempenha nas conclusões teológicas que muitos de nós aceitamos sem discutir.

Por outro lado, esperamos que o livro também atraia estudantes de teologia — mais uma vez, clérigos ou leigos — das Igrejas Católica e Ortodoxa. Ao contrário do primeiro grupo, que pode bem querer perguntar, mas não que lhe perguntem, para o segundo grupo a pergunta pode, de fato, ser desnecessária. Ou talvez fosse até melhor expressá-la negativamente: Por que *não* se preocupar com Maria? Ela é parte tão importante do equipamento familiar da fé, por assim dizer, que é impossível pensar em compromisso cristão sem pensar nela, quer o façamos nos contextos de doutrina (os dogmas marianos, antigos e modernos), quer em práticas devocionais (o rosário, o ângelus, a invocação dos santos na oração), quer mesmo na arte (iconografia, as muitas descrições, por exemplo, da anunciação na história da pintura ocidental). Ironicamente, aqui a tentação pode ser de aceitar sem discutir Maria e os temas marianos, quando o que se requer é precisamente um envolvimento racional. Esse é o caso principalmente porque, desde o Concílio Vaticano II, o Vaticano convidou estudiosos não católicos a refletir com os católicos sobre as convergências e os

1. Veja uma sinopse dessa jornada em Tim PERRY, *Mary for Evangelicals*. Toward an Understanding of the Mother of Our Lord, Downers Grove, IL, InterVarsity Academic, 2006, p. 13-16.

problemas teológicos inseridos na doutrina e na devoção, nada menos que três vezes².

Por que, então, devem os nossos dois públicos principais preocupar-se com Maria? Nossa tarefa como autores — um, sacerdote anglicano evangélico, o outro, sacerdote jesuíta católico — é nos ocupar dessa pergunta a partir de nossas perspectivas próprias, sem necessariamente pressupor onde vamos encontrar uma base comum ou como ela se parecerá. Não fazemos isso para nos empenhar em debate, nem mesmo para uma troca de opiniões³. Mais exatamente, esperamos apresentar — embora em linhas gerais — toda a evidência desde os Padres até o presente. Ao fazer isso, esperamos que, conforme se ocupem do mesmo material e se voltem para os mesmos textos originais, nossos leitores também comecem a conversar uns com os outros de um jeito mais instruído teologicamente. Achamos que sozinhos vamos desfazer a Reforma? Dificilmente. Mas temos esperança de conseguir demonstrar a todos os envolvidos que Maria realmente importa, se entendermos melhor nossa herança cultural teológica, nossos progressos teológicos divergentes, nossas práticas devocionais radicalmente diferentes e nosso compromisso comum com Cristo.

2. Temas marianos na fé cristã

Como a narrativa histórica que se segue esforça-se para abranger dois milênios de exemplos de reflexão e devoção cristãs, achamos prudente introduzi-la de duas maneiras relacionadas. Depois de primeiro ressaltar os três temas gerais que vão reaparecer em todo o ensaio a seguir, vamos fazer um esboço conciso de Maria como ela aparece

2. Esses convites estão em *Lumen Gentium*, capítulo 8, *Cultus Marialis* de Paulo VI e *Redemptoris Mater* de João Paulo II.

3. Veja tal conversa realizada de modo sincero e irônico em Dwight LONGENECKER e David GUSTAFSON, *Mary, A Catholic-Evangelical Debate*, Grand Rapids, Brazos, 2003.

nas páginas do Novo Testamento. Esperamos que esta introdução dê aos leitores alguma moldura temática e bíblica na qual fixar o material cronológico que virá depois.

Ao examinar Maria na história do pensamento cristão, três linhas entrelaçadas devem logo surgir para o estudante perspicaz: a relação de Maria com seu Filho (cristologia), a relação de Maria com todos os fiéis (eclesiologia ou a doutrina da Igreja) e a relação de Maria com cada um dos fiéis (devoção mariana ou práticas piedosas). Entre esses, já se vê, o primeiro tema — a relação de Maria com seu Filho — predomina. É o interesse propulsor, por exemplo, dos primeiros pensadores cristãos, embora não pela razão que muitos leitores supõem. A preocupação dos Padres anterior a Niceia não é a virgindade de Maria — que é aceita sem discutir como parte indispensável da narrativa bíblica —, mas a realidade de sua maternidade. Maria era realmente a mãe de Cristo; sua humanidade era dele; ele é, portanto, um de nós. Embora se possa afirmar que nem sempre os pensadores cristãos mantinham um bom domínio ou entendimento da humanidade do Senhor, preservar essa humanidade como parte integrante da cristologia continuou a ser interesse permanente no pensamento cristão até o presente. E, como resultado, a reflexão sobre Maria também.

Sem depreciar, de modo algum, o que acabamos de dizer, Maria também atuou na história do pensamento cristão como sinal ou indicador da identidade do Senhor como Segunda Pessoa da Santíssima Trindade e é aqui que sua virgindade aparece. Quer examinemos entendimentos patrísticos de Isaías 7,14 quer a firme defesa que Karl Barth faz do *natus ex virgine* (“nasceu da Virgem Maria”, tirado do Credo dos apóstolos), o pensamento em Maria surge naturalmente quando os cristãos refletem sobre a identidade dAquele que ela deu à luz. O que nos leva ao mais importante termo mariológico, *theotokos*, Mãe ou Portadora de Deus. Oficialmente definido pelo Concílio de Éfeso em 431, o termo tem uma longa história na fé cristã e pré-cristã. Embora seja um termo mariano, nas discussões teológicas destina-se a esclarecer a identidade do Senhor. Desde o instante de sua concepção, ele não foi outra coisa senão o exemplo humano de Deus Filho.

Assumi tudo que ser humano é e significa em determinado tempo, em determinado lugar, em determinada mulher: Maria, a Mãe de Deus.

Por causa dAquele que ela deu à luz, entende-se corretamente que Maria tem um lugar especial no drama da salvação e também na vida dos surpreendidos na assombrosa história do amor e da graça divinos. Ele se relaciona com a Igreja e também com cada um dos que creem. Esse reconhecimento é tão antigo quanto a fé e se manifesta na arte cristã primitiva, bem como na devoção e no pensamento cristãos primitivos. Alguns Padres, como veremos a seguir, falam com desembaraço da relação de Maria com a Igreja e identificam essa relação na ligação assimétrica entre suas respectivas maternidades virginais. Maria e a Igreja são virgens, uma vez que são puras e consagradas a Deus; ambas são mães, visto que dão à luz os filhos de Deus. A noção de Maria como modelo de fé coletiva encontra-se em teólogos medievais e modernos, mas com diferente intensidade. Para muitos pensadores medievais, a exaltação de Maria como modelo da Igreja e em especial da virgindade consagrada era forte tentação para separar Maria do resto da humanidade. Em vez de um de nós para ser imitado, ela se tornou a grande exceção para ser adorada. Contra essa opinião, muitos teólogos modernos, principalmente feministas católicas, reagem energicamente. De fato, parece-lhes que essa opinião faz dela um ideal irremediavelmente impossível em especial para as mulheres cristãs. A mulher humana não pode ser virgem e também mãe e esperar imitação desse ideal e devoção a ele, dizem elas, é psicológica e espiritualmente devastador.

Os reformadores têm suas próprias razões para desconfiar desses movimentos, pois eles parecem levar a consequências teológicas desastrosas: 1) perda de influência na mediação de Cristo. Se entendemos que Cristo é nosso mediador com seu Pai, então a Maria glorificada torna-se depressa nossa medianeira com seu Filho. Cristo é, assim, afastado da experiência dos fiéis ou, pior, transformado no Juiz encolerizado que Lutero, em especial, atacou. 2) Conforme Cristo se torna distante ou mais afastado de nossa experiência, Maria preenche o vácuo — nas mentes de alguns críticos não apenas igual a Cristo,

trabalhando a seu lado na salvação das almas, mas até como sua rival que age para dobrar a vontade dele à sua. E, contudo, os protestantes modernos estão pouco dispostos a descartar inteiramente a tradição, mas, começando com Karl Barth e continuando com Robert W. Jenson, parecem dispostos a tentar retomar a imagem de Maria como Modelo de Igreja, às vezes com resultados surpreendentes.

A esta altura deve estar claro que na prática é muito difícil distinguir entre os dois temas. Se está realmente ligada à Igreja de um jeito único por causa de sua maternidade, desse modo Maria se relaciona singularmente com os membros dessa Igreja de um jeito individual. A ideia de Maria como intercessora — na verdade o maior intercessor entre todos os santos — é, além disso, antiga e com certeza expande-se rapidamente depois do século V. Na era medieval, parece que práticas devocionais levaram ao desenvolvimento teológico — esse parece com certeza ser o caso, pelo menos nas primeiras articulações da doutrina da Imaculada Conceição. Igualmente, o que despertava a ira e até o sarcasmo dos reformadores na primeira geração da Reforma eram práticas devocionais específicas, não doutrinas marianas. Quando passamos para a era moderna, a diversidade volta ao primeiro plano. Na Igreja católica, parece que as devoções marianas aumentam e diminuem dependendo de questões de cultura, geografia e período. Para os protestantes, a desconfiança tem de coabitar constrangidamente com uma nova disposição de espírito para experimentos com formas de oração — como o rosário — que teriam sido explicitamente condenados no passado muito recente.

À medida que mais adiante expusermos em detalhe a narrativa histórica de Maria na doutrina e devoção cristãs, esperamos que os leitores mantenham esses três temas constantemente em mira. Eles vão possibilitar aos leitores entender melhor o material, proporcionando-lhes uma estrutura diferente para organização. Em outras palavras, esperamos que as interpretações temáticas e cronológicas ajudem os leitores a achar, analisar e avaliar diferentes conjuntos de ligações entre crenças e práticas, ao narrarmos a história do pensamento da Igreja a respeito desta mulher extraordinária.

Que tal continuar a leitura?

Adquira já o seu exemplar!



Comprar

Clique no ícone 